

DESLOCAMENTOS EM *BECOS DA MEMÓRIA*

MOVEMENTS IN *BECOS DA MEMÓRIA*

Rosineia da Silva FERREIRA (UnB)

RESUMO: O romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, se passa em pleno “milagre econômico” e desnuda a concentração de renda que informou e limitou o fenômeno. Todo o enredo gira em torno da remoção forçada da população de uma favela, do centro de uma grande cidade para a periferia, dentro do plano de “higienização” da ditadura. A personagem condutora, Maria-Nova, apresenta as histórias de vida dos habitantes da favela, marcadas por migrações e privações. O presente artigo investiga as causas e os efeitos desse deslocamento forçado em algumas personagens, observando as viagens e os trajetos como processos de tradução cultural. Serão observados os efeitos sociais e psicológicos decorrentes de tais deslocamentos. Observando ainda, que tais causas têm como efeitos a marginalização e a segregação de grupos sociais que são obrigados a conviver com o abandono e a violência. Serão utilizados como aporte teórico os estudos pós-coloniais com obras dos seguintes autores: Thomas Bonnici (1998, 2005, 2006); Inocência Mata (2016, 2008,); Homi K. Bhabha (1998); Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Hellen Tiffin (2002); Peter Childs e R. J. Patrick Williams (2013), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamentos. Estudos pós-coloniais. Estudos de Gênero. *Becos da Memória*.

Introdução

Pretende-se neste artigo analisar o romance *Becos da memória* (2018), da autora Conceição Evaristo, com o foco nos deslocamentos das personagens de modo a apontar as causas e as consequências desse fenômeno a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais e de gênero. Dois elementos que se destacam nas literaturas pós-coloniais são: o local e os deslocamentos, por serem temas inerentes a essas literaturas devido às características de sua constituição a partir da experiência do colonialismo.

A obra narra as histórias dos personagens que vivem em uma favela que está passando por um processo de desfavelamento, ou seja, está sendo desmanchada. As personagens estão intimamente ligadas ao local onde vivem, pois muitos já moram ali há anos, assim ao perceberem que o desmonte da favela é real, eles se veem em situação de incertezas que causam ansiedade e nervosismo. Nesse cenário, a personagem condutora da narrativa, Maria-Nova, faz reflexões profundas sobre a vida na favela, suas condições e sobre o que representa aquela favela para eles.

Deslocamentos no Pós-colonial

A literatura pós-colonial caracteriza-se por ser “a maneira pela qual as culturas se reconhecem através de sua projeção de alteridade” (BRENNAN, 1989, apud BONNICI, 2005, p. 02), alteridade essa percebida pela condição híbrida causada pelos períodos coloniais e seus resquícios e pelos deslocamentos causados em decorrência das condições que o colonialismo deixou em vários países.

Portanto, o aspecto temporal que compreende o pós-colonial está repleto de deslocamentos que podem ser voluntários ou coercitivos. As diásporas coercitivas, geralmente ocorrem devido a fatores como preconceitos, perseguições de cunho político, religioso, étnico ou ainda devidos as guerras e conflitos. Os deslocamentos

podem ser chamados de voluntários em algumas situações, no entanto, eles são consequência dos fatores coercitivos, principalmente as guerras e conflitos civis que atualmente acontecem em diversos países.

Tais deslocamentos, compreendidos como diáspora, têm como característica o contato de culturas diversas o que cria identidades híbridas, pois conforme Ashcroft, Griffiths e Tiffin a “diáspora não se refere simplesmente à dispersão geográfica, mas também as questões controversas da identidade, memória e lar que esse deslocamento produz” (2002, p. 217, tradução nossa).

Desta maneira, compreende-se que a diáspora pode romper com o sentido cultural de pertencimento, porque “a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido” (GILROY, 2001, p. 18), produzindo o que Almeida concebe como identidades “múltiplas, provisórias e descentradas, transcendendo as fronteiras nacionais e tornando-se desterritorializadas” (2015, p. 55).

Portanto as identidades diaspóricas tornam-se uma questão, pois elas foram perturbadas, distendidas e alteradas e esta questão exige investigação e traz à tona o debate sobre as identidades pós-coloniais, pois “a questão da identidade atravessa o pensamento pós-colonial” (CHILDS e WILLIAMS, 2013, p. 13, tradução nossa). Desta maneira, diáspora pode ser compreendida ainda “como uma forma de migração em que enfatiza o sentido de perda e a dispersão de comunidades que se unem em torno de uma memória e histórias comuns” (ALMEIDA, 2015 p. 50).

Na modernidade, com a globalização e com a expansão do capitalismo algumas potências econômicas continuam a interferir nas ex-colônias, fenômeno denominado pela ótica marxista como “imperialismo” e entendido como uma face do neocolonialismo. O neocolonialismo, no entanto difere do colonialismo principalmente na questão do deslocamento forçado dos trabalhadores aos locais de produção, pois

o capitalismo leva o ponto de produção aos trabalhadores, pois as corporações transnacionais realocam infinitamente as fábricas para os cones de mão-de-obra de menor custo, como a América Central ou o Pacífico, oferecendo uma força de trabalho de baixa remuneração, não sindicalizada e que só terá segurança no emprego enquanto permanecer assim. (CHILDS e WILLIAMS, 2013, p. 05, tradução nossa)

Essa mudança empregada pelo capitalismo, em que o ponto de produção é levado para próximo dos trabalhadores, não caracteriza o fim da migração, pelo contrário, instalou-se um cenário de migração voluntária, em que trabalhadores de países com economia pequena vão para os países imperialistas em busca de empregos. Cabe lembrar que esse movimento é majoritariamente no sentido Oriente/Ocidente, formando um grupo de mão de obra “sobressalente” e indesejado.

Diáspora e representação literária

Como os deslocamentos fazem parte do contexto de países pós-coloniais, sua representação na literatura acaba sendo uma característica constante, formando, assim, o conjunto de obras denominadas na atualidade como narrativas diaspóricas.

Essas narrativas, muitas vezes, apresentam o desejo de retorno ao lar pelas personagens, conforme apresentado por Singh, o “sentimento de anseio pela terra natal, um apego singular às suas tradições, religiões e línguas dão à lua a literatura diaspórica que é primariamente preocupada com o apego do indivíduo ou da comunidade à terra natal” (2008, p. 01 apud BRAGA E GONÇALVES, 2014, p. 41).

No entanto, esse desejo de retorno ao lar não é uma característica obrigatória para a caracterização da literatura diaspórica, pois “nem todas as diásporas sustentam uma ideologia de 'retorno” (BRAH 1998, p.180 apud ALMEIDA, 2015, p. 70) como muitas narrativas femininas que não apresentam, ou ainda apresentam o lar como um lugar de sofrimento e privação. Nesse sentido, Almeida argumenta ainda que “algumas mulheres diaspóricas podem não sentir nostálgicas porque seus lares eram locais de violência e patriarcados culturais, nacionalistas e transnacionalistas” (2005, p. 92).

Como já afirmado, no discurso literário a representação de deslocamentos é recorrente, formando a literatura diaspórica, caracterizada pela presença de elementos comuns a um conjunto de textos, como seguintes princípios apontados por Ponzanesi: “história diaspórica do escritor, referências internas à diáspora no texto e relações diaspóricas dialógicas com outros textos, tempos e espaços” (2008, apud BRAGA E GONÇALVES, 2014, p. 41).

A obra de Evaristo corresponde as características apontadas por Ponzanesi (2008), e ainda vai além, pois algumas personagens como Tio Totó e Maria Velha carregam consigo as memórias e histórias de seus antepassados, mostrando que Evaristo se configura com uma autora da diáspora. Ela continua conectada a sua ancestralidade, porque ela faz uso de sua pós-memória, a memória passada de geração em geração (HIRSCH, 1997), e por meio das histórias de seus avós e outros antepassados ela tece o enredo de seu romance.

Consoante a isso, Almeida afirma que os escritores diaspóricos podem se sentir “atrelados a esses movimentos transnacionais por meio de ligações familiares e afetivas ou pelo fato de habitarem espaços cosmopolitas que estão inevitavelmente conectados a experiências de outros povos diaspóricos” (2005, p. 51).

Almeida assevera ainda que, as escritas diaspóricas podem ser produzidas por autoras que vivenciaram a experiência da diáspora e passaram pelos efeitos delas, ou ainda por aquelas que por pertencerem a uma família diaspórica vivenciam o sentimento de estar em “um espaço intermediário e intermediado no país anfitrião, sem deixar de experienciar o deslocamento, a desestabilização, o desenraizamento que a história familiar lhe confere como herança” (ALMEIDA, 2015, p. 67).

Neste contexto de diáspora como herança familiar é que se encontra a escritora Conceição Evaristo, que se utiliza das memórias dos seus, de suas próprias memórias e da criatividade para que, em *Becos da memória*, a narradora-condutora, Maria-Nova possa contar as histórias dos seus antepassados entrelaçadas às histórias dos seus do presente e de sua própria história.

Em *Becos da memória*, o deslocamento é um tema muito central, pois a favela é personificada e deslocada do lugar de onde é para outros lugares. A trama se desenrola em torno da diáspora coercitiva que está ocorrendo na favela onde Maria-Nova vive com sua família e muitos amigos, a favela está sendo removida e os moradores estão sendo distribuídos para diversos lugares. Assim os deslocamentos e suas consequências permeiam toda a narrativa.

Assim, os deslocamentos perpassam toda a narrativa de duas maneiras. A primeira é na experiência coletiva das personagens que moram na favela, que na época de sua ocupação vieram dos mais variados lugares e a constituíram e no enredo estão sendo removidas juntas. E em segundo lugar as experiências individuais das personagens que também são narradas por Maria-Nova.

Esses deslocamentos são consequências de um passado nacional colonial e também do neo-colonialismo que se configura a partir da exploração capitalista moderna.

As consequências desses deslocamentos são notórias em várias personagens, como Tio Totó, que vive em constante diáspora. Quando ele se entendeu por gente já morava em um lugar que ele sabia que não era onde nasceu. Após dois deslocamentos geográficos coercitivos em busca de melhores condições de trabalho e de vida, ela já tinha perdido duas esposas e uma filha. E nas duas perdas ele se viu “são, salvo e sozinho” (EVARISTO, 2018, p. 90).

Os deslocamentos são perceptíveis também em Negro Alírio, que tal qual Tio Totó, quando se entendeu por gente também sabia que “nascera bem longe dali” (EVARISTO, 2018, p. 54). Seu primeiro deslocamento consciente foi voluntário, em busca de novos saberes, e em busca de ensinar aos outros o que ele sabia.

Seu segundo deslocamento, no entanto, foi coercitivo por motivo de perseguição política. Ele foi trabalhar em um porto, e lá os trabalhadores “sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres [...] conseguiam incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves” (EVARISTO, 2018, p. 96). Depois de um desses movimentos grevistas, Negro Alírio se viu impelido a fugir, chegando à favela.

Os deslocamentos apresentados nos exemplos de Tio Totó e Negro Alírio já revelam muitos dos efeitos desse fenômeno nos indivíduos. No entanto, revela ainda que tais efeitos se mostram ainda mais intensos na vida das mulheres que passam pelo mesmo processo. Tal como o ocorrido com Miquilina e Catita, esposa e filha de Tio Totó, que foram levadas pelo rio, e o deslocamento teve como principal consequência a morte.

Para outras personagens a condição diaspórica já afetava suas vidas e suas identidades há muito tempo. O iminente deslocamento da favela já estava trazendo consequências para essas habitantes que após um passado de privações se viam diante das incertezas do futuro, sobretudo, Maria-Nova, por ser sua primeira experiência de deslocamento.

Grande parte dos moradores da favela, sobretudo os mais idosos, já havia passado por diversas experiências de deslocamentos que afetaram suas vidas e suas identidades. Como Mãe Joana que é retratada como uma criança brincalhona, “feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos afora” (EVARISTO, 2018, p. 30) e na vida adulta é relatada como uma mulher totalmente diferente da criança que fora e não demonstrava seus sentimentos, e só sorria para dentro, “não alardeava o seu sentimento” (EVARISTO, 2018, p. 29).

Bondade conta à Maria Nova a história de um deslocamento muito marcante para ela, pois é carregado de muita dor. Trata-se da partida da favela de uma menina que tinha a mesma idade que ela, Nazinha. Ela foi vendida pela própria mãe a um homem para satisfazer seus desejos. Esta história deixa Maria-Nova muito triste, pois ela sente a dor de Nazinha e “se angustiava por sua amiga” (EVARISTO, 2018, p. 39).

A primeira descrição de Mãe Joana, mãe de Maria-Nova e irmã de Maria-Velha, era de uma mulher “triste. Não sorria nunca”, nem por dentro como sua irmã, e “Maria-Nova não entendia a seriedade, a falta de risos e sorrisos da mãe” (EVARISTO, 2018, p. 47), este comportamento, das duas irmãs, se explica por suas histórias de vida. De deslocamentos e incertezas, por uma vida em que se sabe ser escravas da sua condição de vida.

Vó Rita é descrita como uma mulher muito amorosa e sempre feliz, na favela “todos gostavam dela” (EVARISTO, 2018, p. 86), porém, ela também se mostrava muito triste devido ao desfavelamento, o banzo a consumia e ela “estava desolada,

só que escondia. Não podia e nem queria deixar transparecer a tristeza [...] aliás, todos andavam amargurados” (EVARISTO, 2018, p. 85).

Embora os deslocamentos do passado tivessem tido grandes consequências para essas personagens, o deslocamento que estava por vir era que desestruturava, além da favela, as pessoas que ali viviam e agora se viam obrigados a partir mais uma vez. Um deslocamento coletivo que espalhava um ódio contagiante, que a todos fazia sofrer,

um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que era um sentimento dirigido à pessoa errada. O homem que espancava a mulher que exigia mais dinheiro para as compras. [...] A mãe que batia raivosamente no filho mais velho. [...] o ódio do Tutuca, menino que fazia carreto na feira e, um dia, a tentação foi maior, rápido tirou uma maçã da banca. O dono viu, ficou enfezado. “moleque ladrão, vai trabalhar vagabundo!” [...] “Não sou ladrão não! Trabalho, faço carreto na feira.” O ódio inchava no coração do menino” (EVARISTO, 2018, p. 137-138)

As personagens adultas já passaram por grandes deslocamentos, as crianças, no entanto, passarão pelo primeiro, como é o caso de Maria-Nova. Elas estão sendo deslocadas do lugar que conhecem por lar, por isso este deslocamento causa muita ansiedade.

Tal situação tem como efeito sobre essas personagens o Banzo, que segundo a própria obra pode ser definido como “saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que [...] nunca vivera” (EVARISTO, 2018, p. 63), ou conforme a literatura médica, pois e ele é estudado na medicina, não só como saudade, mas como “gravíssima doença, causada pela exacerbação do sentimento de saudades” (MENDES 1793, apud HAAG, 2010, p. 88).

Assim, pode-se afirmar que o banzo, tão perceptível em Tio Totó, que não se conformava em ter que mudar-se mais uma vez, acometia a todos na favela e foi uma das causas da morte de Tio Totó. E diante da iminente retirada os moradores “ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento um desânimo amolecia a todos” (EVARISTO, 2018, p. 137) assim, o “plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos” (EVARISTO, 2018, p. 116) e com isso “vinha o medo” (EVARISTO, 2018, p. 117).

Todos esses sentimentos que acometiam aos moradores estão refletidos em Maria-Nova que “já tinha no sangue o banzo” (EVARISTO, 2018, p. 115) e por causa do desfavelamento “andava em dias de grande banzo. Tristeza por tudo, por fatos recentes e passados. Tristeza por fatos que testemunhara e por fatos que ouvira” (EVARISTO, 2018, p. 128).

O sentimento de Maria-Nova representa o sentimento coletivo dos moradores da favela, como Tio Tatão diz: “A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você” (EVARISTO, 2018, p. 111), ou seja, ela é composta das várias histórias que testemunha e ouve, fazendo parte de uma comunidade que foi dispersa de sua terra natal. Essas pessoas, conforme Hall, (2006, p. 24) “não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)”. Consoante a esse pensamento, Thomas Bonnici afirma que a “identidade é uma espécie de fator coletivo compartilhado por pessoas da mesma história e ascendência” (2007, p. 146).

Considerações Finais

Como é possível observar, os deslocamentos em *Becos da memória* (2018) refletem a situação de segregação social vigente, até hoje, na sociedade brasileira.

Tal segregação nas cidades cosmopolitas afasta para mais e mais longe do centro e dos bairros nobres e do acesso a serviços e empregos uma população que historicamente vive em deslocamento em busca de condições de sobrevivência.

Neste contexto, as mulheres são postas em condições mais subalternas que os homens, conforme aponta Almeida (2015), ao problematizar a subalternidade feminina embasada em Spivak (2010) “as mulheres estão ainda mais relegadas a um espaço de exclusão”, pois a elas, resta a morte como efeito desses deslocamentos e dessa segregação. Seja como no caso de Miquilina e Catita, que não chegaram ao outro lado do rio, ou nos casos de Nega Tuína ou Filó Gazogênia que morreram por falta de acesso a serviço de saúde.

Assim a favela permanece hoje, conforme Evaristo (2018) sendo a senzala de outrora, sendo o espaço de segregação em que os indivíduos permanecem como escravos das suas condições de vida. Condições de vida que escravizam as pessoas e têm como consequência o banzo, não só como saudade, mas como doença que mata.

Desta maneira, é possível concluir que a favela onde se passa a narrativa de *Becos da memória* (2018), se traduz em local de subordinação e opressão impostas aos negros, e, sobretudo às mulheres, com raízes históricas que perduram desde o período escravocrata brasileiro até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and practice in post-colonial literatures**. 2. ed. New York: Routledge, 2002.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate. **Diáspora, espaço e literatura: Alguns caminhos teóricos**. Revista Trama, v. 10, n. 19, 1º sem. 2014.

BONNICI, Thomas. **Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21**. Léguas e Meias: Revista de Literatura e Diversidade Cultural, v. 4, nº 3, 2005.

_____. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

CHILDS, Peter; WILLIAMS, R. J. Patrick. **Introduction To Post-Colonial Theory**. New York: Routledge, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. São Paulo: Pallas, 2018.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

HAAG, Carlos. **A saudade que mata**. Pesquisa Fapesp nº 172. junho 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine la guardiã Resende; Ana Carolina Escosteguy et. Al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HIRSCH, Marianne. **Family frames: photography, narrative, and postmemory**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.